

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Identidade e Meio Ambiente nas canções do grupo ribeirinho Minhas Raízes do Distrito de Nazaré (Porto Velho-RO)

Mathêus Sampaio da Silva Lima

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.6949>

Submetido em: 2023-09-18

Postado em: 2023-09-24 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

Identidade e Meio Ambiente nas canções do grupo ribeirinho Minhas Raízes do Distrito de Nazaré (Porto Velho-RO)

Autor: Mathêus Sampaio da Silva Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0297-8603>

E-mail: msslcontato@gmail.com

Universidade Federal da Paraíba - UFPB. João Pessoa-PB, Brasil

RESUMO: Esta pesquisa tem como objetivo analisar as canções do grupo Minha Raízes, oriundo de populações tradicionais do Baixo Madeira especificamente da comunidade de Nazaré orientado por pensadores como Adorno (2017) e Cunha (2009). Assim se fez uma coleta de dados por meio de entrevistas com os membros do grupo Minha Raízes, se transcreveu todas as canções dos álbuns investigados analisando a partir dos eixos de identidade e meio ambiente. Dando o caráter qualitativo desta pesquisa. Os dados encontrados e analisados demonstram que as canções são representações da comunidade, apresentando questões como as tensões entre cosmologias, a identidade ribeirinha, comensalidade, práticas de lazer e as relações entre humanidade e natureza localizadas na sociedade da capital.

Palavras-chave: Sociologia da música, grupo Minhas Raízes, ribeirinhos, povos tradicionais

TÍTULO EM INGLÊS: Identity and Environment in the songs of the ribeirinho group Minhas Raízes do Distrito de Nazaré (Porto Velho-RO)

ABSTRACT: This research has as its central objective to analyze the songs of the group Minha Raízes, coming from traditional populations of the Baixo Madeira specifically from the community of Nazaré guided by thinkers such as Adorno (2017) and Cunha (2009). Thus, a data collection was made through interviews with the members of the group Minha Raízes, all the songs of the investigated albums were transcribed, analyzing from the axes of identity and environment. Giving the qualitative character of this research. The data found and analyzed demonstrate that the songs are representations of the community, presenting issues such as the tensions between cosmologies, riverside identity, commensality, leisure practices and the relations between humanity and nature located in the society of the capital.

Keywords: Sociology of music, Group Minhas Raízes, Ribeirinhos, Traditional Peoples

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa investigou a música dentro de uma perspectiva sociológica em que utiliza como recorte empírico a investigação do grupo musical Minhas Raízes, grupo este oriundo do distrito de Nazaré pertencente ao município de Porto Velho no Estado de Rondônia. Buscou os conteúdos presentes nas canções em que concernem representações sobre identidade e o meio ambiente.

Esse trabalho partiu das reflexões de Adorno em suas obras *Introdução a sociologia da Música* (2017) e em seu ensaio em colaboração com Horkheimer *A indústria cultural: O esclarecimento como mistificação das Massa* (1985). Foram utilizadas entrevistas, no sentido posto por Cardoso de Oliveira

(2000) e para as análises de das canções foram utilizados Bauer e Gaskell (2007) para a organização e procedimentos necessários para fazer o tratamento dos dados.

O trabalho está dividido da seguinte forma: Orientações teóricas sobre música e sociedade, métodos utilizados, história da comunidade de Nazaré, história do grupo Minhas Raízes, análise das canções do grupo e considerações finais.

MÚSICA E SOCIEDADE

As relações em arte e sociedade são diversas como espaço de estudos nas ciências sociais, neste trabalho se busca fazer a relação entre música e sociedade partindo da tradição da teórica crítica em especial nas observações sobre arte no capitalismo abarcando as discussões sobre indústria cultural música. Partindo de Adorno, podemos observar que a arte pode abarcar elementos críticos fruto do artista, esses elementos são apresentados na forma de arte, em que surgem questionamentos e os problemas sociais são apresentados, sendo críticas a realidade social ou projetos sociais elementos possíveis de estarem presentes. Assim em Adorno (2008):

Os estratos fundamentais da experiência, que motivam a arte, aparentam-se com o mundo objetivo, perante o qual retrocedem. Os antagonismos não resolvidos da realidade retornam às obras de arte como problemas imanescentes de sua forma. É isto, e não a trama dos momentos objetivos, que define a relação da arte com a sociedade. As relações de tensão nas obras de arte cristalizam-se unicamente nestas através da sua emancipação a respeito da fachada fática de exterior atingem a essência real. (Adorno, 2008, p. 18).

Partindo desse apontamentos, a discussão sobre arte e sociedade se torna mais complexa com a indústria cultural, apresentada por Adorno & Horkheimer em *Dialética do Esclarecimento* (1985). A arte se coloca em paralelo a vida industrial do mundo do trabalho, se tornando uma mercadoria, em que ocorre uma massificação da cultura vista como um processo de democratização da cultura pois o acesso é generalizado, mas se apresenta uma contradição., que é a democratização de uma discussão específico, se tornando um monopólio em que reafirma o modo de vida capitalista e por vezes pode ser visto como promotor de uma reificação em que imagens de outros projetos políticos fora da lógica do modo de vida capitalista sejam desacreditadas ou vista como impossíveis, o futuro é o mesmo modo de vida que estamos (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 131-134). Essa lógica industrial atinge a música.

Em continuidade, Adorno (2017), aponta o que seriam as tarefas de uma sociologia da música. Extraio o que observo como mais importante a esse trabalho que é observar as funções entre elas, Adorno (2017) apresenta as de entreter, disciplinar os sentidos determinando que sons são aceitáveis ou não, função publicitária trazendo visões positivas de bens de consumo. Se pode observar até o

momento que essas funções servem a uma indústria cultural. Neste trabalho se observara se essas canções têm tais funções existentes nos apontamentos de Adorno, mas também se observara se possuem outras leituras possíveis sobre suas funções.

Para Adorno (2017) a música tem sua relação com as classes sociais. Assim se faz necessário observar as relações autor e o contexto social, mas sem cair no que seriam leitura essencialistas em que por estar em uma classe social determinada uma obra estaria necessariamente ligada e com interesses dessa classe. Tal orientação é importante para se verificar as canções nesse trabalho.

As observações de Adorno (1985; 2017) colocam que a vida cultural e artística está cada vez mais atrelada a uma sociedade de mercado, em que os limites entre o que é ou não mercadoria se perdem. A arte se torna cada vez mais uma mercadoria que tem como fim o seu valor de troca, para que seja consumida. Essa expansão crescente da mercadoria pode deixar formas de relação e produção com a arte que estão em contraposição as posições de uma indústria cultural ou da forma de vida capitalista, em que colocam outras formas de vida ou relações com arte e cultura tais como em tradições quilombolas, indígenas e ribeirinhas, abrindo portas para uma análise sobre outros projetos políticos que fogem a lógica de mercado ou buscam apresentar suas resistências a forma de vida capitalista.

Uma outra orientação importante é a de Cunha (2009), sobre a construção da identidade. Partindo de estudos sobre imigração, Cunha (2009) diz que a identidade é um processo em nos processos de migração se levam o que vistos como os sinais diacríticos, tais sinais fazem a distinção sobre um sujeito de entender como “eu” e que tal sujeito observe que existe um “outro”, sendo assim uma determinação do que são aspectos culturais próprios e de outras culturas. Tal noção se torna importante para observar quais são os sinais diacríticos que determinam a identidade produzida por meio das canções do grupo Minhas Raízes.

Portanto, foram utilizados nesse trabalho as orientações de uma música localizada na sociedade capitalista, em que se torna uma mercadoria, mas que como apontado por Adorno (2008) existem possibilidades de crítica social nas artes por meio de sua forma. Se observa também as funções existentes nas canções, como a entreter, disciplinar ou mesmo educar. Além dos elementos de mudanças e permanências nas canções do Grupo Minha Raízes, que podem determinar seus sinais diacríticos partindo de Cunha (2009).

MÉTODOS E TÉCNICAS

O trabalho seguiu tais procedimentos para a sua execução: a) se fez um levantamento bibliográfica sobre o Distrito de Nazaré e o Grupo Minhas Raízes; b) foram feitas entrevistas semiestruturadas com os integrantes do grupo Minhas Raízes e por último c) foram feitas as análises sociológicas das canções

Para as entrevistas foram utilizadas as noções de “conversas”, segundo a posição de Cardoso de Oliveira (2000), sendo uma método para entrevistas em que as perguntas não são engessadas, possuem orientações de acordo com os interesses de pesquisa e estão abertas para as proposições e repostas que surgem durante a entrevista, assim são semiestruturas pois possuem perguntas norteadoras, mas que não se limitam as mesmas. As entrevistas nessa pesquisa foram feitas por meios eletrônicos e incluíam perguntas e respostas por meio de áudio e texto, as entrevistas foram transcritas e utilizadas nesse trabalho.

Para a análise das canções foram utilizados os procedimentos de Bauer e Gaskell (2007), em que foi necessário fazer a transcrição dos sons e ruídos das canções, fazer suas descrições e organizar a partir de eixos temáticos encontrados, nesse contexto de pesquisa os eixos são identidade e meio ambiente. As interpretações se colocam a partir das entrevistas e do aporte teórico encontrado nas reflexões de Adorno (1985;2017) sobre música e sociedade e Cunha (2009) sobre identidade.

A COMUNIDADE NAZARÉ

Nazaré é um distrito da cidade de Porto Velho, capital do Estado de Rondônia, que fica localizada na região denominada de Baixo Madeira. Reconhecida pela atividade de exploração da seringa e “sova¹”. Fica a duzentos quilômetros da capital Porto Velho-RO, o meio mais comum de transporte são os barcos de seus diversos tipos, os principais são: as Voadoras, embarcações menores que fazem transporte mais rápidos com menor número de passageiros ou tipo Recreio que são os barcos maiores. A história do distrito está ligada ao chamado ciclo da borracha, o qual foi responsável pelo deslocamento de milhares de pessoas de distintas regiões do Brasil. Parte desses imigrantes posteriormente continuaram a morar na mesma localidade (NORBERTO, 2012).

As primeiras famílias que colonizaram o espaço viviam com os povos indígenas que já ocupavam a região; as informações existentes em fontes como livros historiográficos e em entrevistas a essa e outras pesquisas não especificam quais etnias ali moravam nos anos de 1960, período que podemos chamar da decadência do ciclo da borracha. O perfil de migração para o Baixo Madeira era

¹ Fruta comestível da região amazônica, que possui propriedades passíveis de extração de uma tipo de látex. Diferenciado do retirado da látex oriundo da borracha. Conhecida também como sorva, sorva-pequena, cumã

de oriundos do Amazonas com descendentes que vieram de vários estados do nordeste, migrando para a Amazônia. Perfil esse que tem a transitoriedade, migração em busca de melhor qualidade de vida, com condições materiais para subsistência (NORBERTO, 2012). Um dos moradores mais antigos do distrito que se tem notícia, é Seu Eduardo da Costa Filho, mas conhecido como Seu Nanã e sua esposa Dona Vena. A partir do ano de 1964, com o golpe empresarial militar, houve uma política de povoamento da Amazônia, visando diminuição de tensões por reforma agrária ligada a lutas camponesas e possíveis domínio internacional na região, orientada pelo slogan “integrar para não entregar” que se iniciou com a presidência de Castelo Branco e se aprofundou com os outros governos militares dos anos 1960 e 1970 (SOUZA, 2016).

Segundo Norberto (2012), existem atualmente cerca de quinhentos moradores, o distrito está ao redor de rios, igarapés e lagos. A economia se baseia em pesca e agricultura familiar, entre os produtos cultivados Norberto (2012) cita alguns como: melancia, banana, mandioca. Saraiva (2007), coloca que o espaço da comunidade de Nazaré teve mudanças significativas a partir do início do século XXI, enfatizando tal mudança por projetos que visavam trazer para a comunidade o desenvolvimento. Saraiva (2007) cita um projeto específico o Projeto de Desenvolvimento Sustentável Nazaré-Boa Vitória, esse tipo de desenvolvimento estava atrelado às normas que colocavam o território e parte da comunidade de Nazaré como reserva ambiental. Delimitadas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), essas ações estão localizadas na primeira década dos anos 2000.

Essas mudanças estruturais que ocorreram na comunidade na primeira década do século XXI levaram a novas casas construídas, uma habitação que possui agora banheiro com o projeto de saneamento básico. Frutos de modelo de urbanização, de construção de lares que estavam figurados no projeto para o desenvolvimento (Saraiva, 2007).

Em entrevistas alguns membros do grupo colocam suas percepções sobre as mudanças na comunidade. Primeiro Teimar Nunes, compositor, produtor e músico no grupo, criado em 2005.

A partir da criação do grupo Minhas Raízes há 16 anos a comunidade teve sim mudanças significativas, pois o grupo foi a vitrine para atrair os olhares de visitantes e do poder público, instituições de ensino, pesquisadores e etc. Dessa forma foi possível a construção de escola com nível escolar maior para atender mais comunidades, transporte de alunos para as escolas, além do sentimento de pertencimento, e também a geração de renda na época do Festival Cultural de Nazaré, para toda a comunidade.

Essas mudanças de estrutura também levam a mudanças de costumes, no cotidiano. Tim Maia Nunes que é membro do grupo Minhas Raízes, liderança na comunidade e sendo um dos continuadores do trabalho de seu Manoel Nunes, comenta algumas mudanças que percebe:

Assim que depois de algum tempo, depois que se tornou distrito na realidade, começou a mudar muito as coisas. Com a chegada da Internet, com a chegada de outras religiões agora mesmo por último o garimpo. Então assim se transformou bastante, mas assim o cotidiano (...) essa relação com a natureza não muda, mas é claro que muita coisa negativa já vem mudando esse comportamento principalmente das pessoas mesmo em si, que assim eu acho que comparando assim esse cotidiano, essa relação principalmente os jovens, têm com a cidade (...), Mas um pouco assim parecido com o cotidiano urbano. Eu digo assim, vou citar até um exemplo assim, a questão das músicas. A gente vê os jovens, adolescentes, eles curtindo muito funk, rap, essas coisas. Então assim acredito devido a internet né?

Timaia Nunes observa que influências externas (internet, ritmos musicais contemporâneos e as religiões de matriz evangélica) têm exercido modificações significativas no Distrito de Nazaré em relação aos hábitos do cotidiano, às práticas tradicionais, que por sua vez, provoca uma maior mudança sobre as dimensões simbólicas e de participação em algumas festividades locais, assim como, envolvem a modo de vida ribeirinho, como comenta Timaia Nunes:

Olha, eu posso eu acredito que uns dez anos, mais especificamente uns dez anos pra cá mudou bastante. (...) uma das interferências muito forte que teve na comunidade foi a chegada primeiro de outras religiões. (...) A gente sabe que esse essa relação cultural ela tem muita simbologia. Então eles acabam demonizando muita coisa, então as crianças ficam assim meia perdida? Os pais não deixam (as crianças e jovens) participar e tal então isso é uma das coisas que influenciou bastante. Essa relação aí vem influenciando ainda, mas não chega a cinquenta por cento não porque o pessoal ainda eles eles eh tem essa raiz muito forte.

Por tanto, podemos constatar nesse dois depoimentos uma mudança significativa na vida social de Nazaré: ela se tornou atrativa para a visitação turística (o que proporcionar renda para parte de sua população) e chamou atenção do poder público que investiu na educação, na cultura. Por outro lado, a influência da internet é apontada como um fator que desestimulou as novas gerações em relação a cultura local; o garimpo afetou as relações sociais, com grupos de homens que inseriram o consumo excessivo de álcool, promovendo assim uma perturbação na vida social local, além dos possíveis danos ao meio ambiente por conta da atividade predadora da mineração e por fim as religiões de matriz evangélica que condenam as práticas ancestrais e tradicionais de Nazaré. Esses fatos colocam em risco a cultura local.

O universo laboral da comunidade que antes era basicamente a agricultura familiar hoje possui outras formas de trabalho tanto no campo formal como informal. No campo formal temos alguns citados por Teimar Nunes, que em geral envolvem funcionalismo público e profissões liberais:

A comunidade tem escolas, posto de saúde, comércio, e consequentemente profissionais nas áreas específicas que trabalham nesses lugares. Além da agricultura de subsistência.

Na campo informal há um ramo laboral que está crescendo vertiginosamente nos últimos anos o garimpo, Timaia comenta sobre os resultados dessa nova modalidade laboral na comunidade, que atinge principalmente os jovens que desejam trabalho:

Uma coisa que a gente que a gente está vendo muito que que está mudando muito principalmente os adolescentes até os jovens a questão do garimpo. Muito forte também que a gente sabe que o garimpo é muita bebida, muita droga, muita então assim eu digo porque eu tô na escola e nós perdemos muitos alunos. Muitas meninas ficaram grávida devido ao garimpo e muitos meninos saíram (das escolas) né?”

Em uma reflexão sobre o futuro no campo laboral na comunidade, Timaia comenta sobre a possibilidade de o garimpo ser uma das principais formas de trabalho na comunidade:

(...) tem bastante funcionário público, mas a grande maioria eu acho que acredito que são agricultores ainda mas boa parte já são garimpeiros e acredito que daqui alguns dias vai ser maioria garimpeiros pelo andar da carruagem eu acho que vai ser eu acho que é isso.

Uma das explicações possíveis colocadas por Timaia é a chamada “questão econômica”, visto que o dinheiro ganho por meio do labor no garimpo vem de maneira mais rápida e em maior quantidade se comparada a um processo formal de emprego. Em geral jovens e adolescentes que precisam de uma renda para subsistência são atraídos. Essa transformação no mundo laboral significa ainda que de maneira inicial uma mudança no cotidiano de como se relaciona com a natureza que circunda cada membro da comunidade.

GRUPO MINHAS RAÍZES

Minhas Raízes foi formado em meados do ano de 2005, com sua composição heterogênea entre crianças, adolescentes e adultos (NORBERTO, 2012). Em geral, compartilhando graus de parentesco, oriundos da Família de Manoel Nunes Maciel, mas conhecido por Seu Maciel; um dos pioneiros da localidade. Ele foi o primeiro professor na escola da comunidade, em que tinha a música como um meio para ensinar (SOUZA, 2016).

Hoje a formação é menor quando comparado aos anos iniciais; antes, por exemplo, havia um coral de crianças que servia em acompanhamento ao grupo e que não existe mais. O motivo são as crianças que saem da localidade para continuar os estudos na cidade de Porto Velho. A liderança do grupo fica entre Timaia Nunes e Túlio Nunes, ambos filhos de Seu Maciel. Alguns dos integrantes falam sobre os motivos da criação do grupo musical.

Teimar:

Foi criado com o intuito de trabalhar a inclusão social na comunidade, preservação ambiental, propagação dos costumes e tradições amazônicas ribeirinhas, incentivo educacional, e de mostrar que Nazaré, assim como as outras comunidades existem e necessitam das obrigações do poder público. O grupo iniciou com crianças e adolescentes da comunidade, e hoje se perpetua apenas por integrantes da mesma família.

Timaia:

Com relação ao grupo Minhas Raízes é na realidade um trabalho pensado que diria deu muito certo e a que a gente tinha a nossa intenção maior era poder mostrar pra outras comunidades, pra outros lugares

(...) o valor que tem aqui de Nazaré porque era muito anônimo. A comunidade tinha todo esse esse bojo cultural, a riqueza cultural, mas ficava muito aqui então a gente gostaria de compartilhar com as outras pessoas. Então meu irmão o Túlio e a ex-mulher dele a Silvia Helena pensaram em criar esse grupo pra lavar o nome de Nazaré. A gente primeiramente mostrar através das músicas, o cotidiano de Nazaré, as suas riquezas culturais e tudo. Inicialmente, a proposta era essa e na época. Lembro que eu eu era o presidente da associação muito novo ainda e a gente pensou em agregar valores também quando eu pensei em em agregar junto com o lance da música. A música regional o o o bioinstrumento.

Isso demonstra um certo planejamento e intencionalidade com a criação do grupo mesclando os valores de Seu Maciel que via na música um meio para o processo educativo e elevando a outro patamar demonstrando para além dos limites da própria comunidade o cotidiano e o modo de vida ribeirinho que, aos olhos dos entrevistados possuem valores que permeiam a relação humanidade e natureza que deveriam ser compartilhados com todos.

Os bioinstrumentos são um desses símbolos que destacam o grupo. Essa noção “bio” é colocada pois são criados a partir de materiais da floresta que seriam descartados, as matérias-primas são trabalhadas ao ponto de serem possíveis a emissão de sons que podem simular barulhos da natureza. Como canto de pássaros ou água em correnteza (SOUZA, 2016). Fato que comprova uma das ações do grupo, a preservação do meio ambiente, uma das questões mais defendidas pelo grupo como atestam os depoimentos dos entrevistados.

O trabalho aqui no sentido de Marx, na perspectiva de sua transformação da natureza, estabelece uma relação metabólica de troca e transformações, tanto dos que os fazem, mudando sua percepção do que é útil ou descartável, quanto do próprio bioinstrumento que ganha novas determinações de caráter material e simbólico. Deste modo, observa-se aqui a convergência de dois aspectos da ação do grupo, quais sejam, o alerta em relação a defesa do meio ambiente, principalmente o local e, a importância de relacionar os instrumentos com os aspectos da identidade de Nazaré.

Portanto, se demonstra a intenção em estabelecer a noção de pertencimento ao distrito, uma questão identitária, por ser um grupo que está ligado e formado na comunidade de Nazaré, mantendo laços estreitos com a formação do Distrito, tanto no seu aspecto histórico, econômico, social, cultural e ambiental.

Segundo Souza (2016), o grupo possui duas linhas de composição. Uma primeira que está ligada diretamente à comunidade, funcionando como uma descrição e reflexão sobre a vida cotidiana, com um ritmo entendido como rápido e alegre; a segunda coloca um olhar de fora da comunidade visando um certa memória, sentimentos sobre o que já se passou, associado com um olhar crítico e poético. Colocando as duas linhas juntas, pode-se dizer que as músicas do grupo em grande medida

se referem às características de Nazaré, falam sobre seus mitos, pessoais, costumes, histórias e de suas relações com a natureza.

Todas essas informações listadas acima, ainda deixam pouco claro o gênero musical que o grupo Minhas Raízes utiliza. Buscando esse esclarecimento em entrevista perguntei a alguns membros do grupo quais seriam suas influências e ritmos que são implementados em suas músicas.

Thais:

(...) bem assim que tem a pegada meio andinas que fala. Que era da dos músicos da América Latina mesmo. Referência, influências estéticas (...) raízes cabocla que é do Amazonas, isso é referência também eu pelo menos acho que a gente tem um pouco (...)

Teimar:

É uma influência de ritmos ameríndios (dos andes, da Amazônia em geral - Boi Bumbá, carimbó.) (...) grupos andinos, regionais amazônicos.

Esse viés andino, remonta aos hoje países da América Latina como Peru, Bolívia e Equador. Esse ritmo é em geral ligado aos povos originários que ali se localizam até os dias de hoje, suas características mesclam o sons de natureza e de instrumentos como de sopro como a flauta feita por diversos materiais como madeira e bambu. Permeados por frases simples que se repetem como mantras e contam histórias de um passado remoto ou do que ainda estar por vir dentro de cada cosmologia. Com sonoridades que provocam a reflexão e diminuição do ritmo cotidiano se comparado às músicas da indústria cultural que possuem um tempo acelerado e duração mais curta de cada faixa musical. Também entrando no termo Ameríndios, aqui já ampliando aos povos originários de toda a América Latina, sendo as mais diversas possibilidades sonoras.

O grupo Minhas Raízes possui três álbuns lançados até o momento, são eles: *Em Cada Som uma História* (2007), *Saga Beiradeira* (2010), *Além dos Cantos* (2017). Os três CDs foram produzidos pelos membros do grupo, perguntados sobre o processo de produção, dificuldades visíveis e recursos para financiamento eles responderam da seguinte maneira.

Thais:

Não foi difícil pra produzir porque quem faz as música é o Tio Túlio e o meu pai. E o tio Túlio mesmo, o Túlio mesmo produz as músicas, então ele que grava o CD. A dificuldade que que tem é a de produzir o CD, de mandar fazer o CD porque é pra fora, em São Paulo parece que o pessoal faz o CD, mas a gravação das músicas é o meu tio mesmo que faz e a arte essas coisas tudo é ele que faz. E aí a gente consegue gravar esse CD através de projetos e apoio. Eu acho que o primeiro CD foi com apoio. O apoio da prefeitura eu acho.

Teimar:

(...) não há tanta dificuldade para gravação e distribuição. Pois felizmente conseguimos apoio ou ser contemplados quando solicitamos, geralmente através de editais.

Essas respostas demonstraram que o grupo possui na produção de seus álbuns alguma autonomia e facilidade, entre elas temos a participação de editais culturais que visam o financiamento do que podemos chamar de cultural local ou tradicional. Teimar, em entrevista, exemplificou alguns dos editais que foram utilizados para o financiamento. O primeiro álbum *Cada Som uma História* (2007) foi financiado por um edital da prefeitura de Porto Velho. O segundo álbum *Saga Beiradeira* (2010), teve o financiamento pela Santo Antônio Energia por meios dos programas de compensação das construções das Usinas Hidrelétricas. O terceiro álbum *Além dos Cantos* (2017) foi financiado pelo edital do Fundo Social Ambiental Casa.

Um ponto importante é a função de um dos membros, Teimar que trabalha como produtor musical e músico comercial, o que facilita o trabalho, pois ele possui parte dos meios materiais de produção, por exemplo. Mas o grupo Minhas Raízes não está no meio comercial musical, não funciona na lógica de mercado, pelo menos segundo suas apresentações anuais e membros do grupo que não vivem de shows e apresentações do grupo. Em geral, segundo os membros, ocorrem cerca de 8 a 15 apresentações anuais, em geral gratuitas e envolvidas em festivais culturais ou espaços culturais como Serviço Social do Comércio - SESC espalhados pelo Brasil.

Como atividade laboral, os membros possuem as mais diversas ocupações, alguns trabalham no circuito comercial de música tocando em outros grupos, na área da saúde pública, outros como estudantes e docentes. Assim fica claro até esse momento, que o grupo Minhas Raízes é um projeto que não tem finalidade lucrativa.

O grupo Minhas Raízes possui relações muito estreitas com o distrito de Nazaré, suas músicas se referem a localidade em seus variados aspectos: lendas, trabalho, meio ambiente, história. Deste modo o Minhas Raízes, e em especial as canções produzidas pelo grupo, podem proporcionar pistas para que se possa compreender o cotidiano do distrito de Nazaré

IDENTIDADE NAS CANÇÕES DO GRUPO MINHA RÁIZES

Neste momento analiso as canções do grupo possuem elementos da identidade, seguindo as noções de Bauer e Gaskell (2007) em que faço uma descrição detalhada das canções e por fim faço um apanhado dos resultados.

A primeira música que avalio se trata de Saga Beiradeira do álbum que tem o mesmo nome (2010). Essa faixa conta a história do mito fundador da comunidade. Em que Seu Manoel é colocado

como figura importante. A letra inicia com uma descrição romântica e idílica de uma terra farta, tópico das leituras que tratavam a Amazônia em sua totalidade como o novo Eldorado. Ali se encontrariam as riquezas possíveis para um homem, uma fuga da miséria da carne e espiritual. Há também elementos para uma compreensão do trabalho, como parte de uma relação intrínseca com a natureza e em certa medida sua manipulação.

Saga beiradeira, saga beiradeira, saga beiradeira/Vou lhe contar, amigo, a história de um lugar
Que poucas pessoas conhecem, outras nem ouviram falar/Em Nazaré a terra é farta pra quem gosta de trabalhar
Pois a natureza não é ingrata com quem dela sabe cuidar

Em seguida a figura de seu Manoel é apresentada, descrito como um pioneiro na área da cultura e da educação, demonstrando o seu papel como um dos que introduziram o conhecimento formal e saberes tradicionais na vida local.

A cultura que lá existiu foi meu pai que incentivou/Homem de família humilde, que tornou-se professor
Um homem valente e destemido que fundou aquele lugar/Levou teatro, música, quadrilha, seringandô e boi-bumbá

Importante salientar o motivo de Seu Manoel e outros migrantes que vieram ocupar e colonizar o espaço que hoje é Nazaré. Em entrevista, Timaia diz:

(..) a maioria das pessoas que compõe a comunidade, elas são a maioria amazonenses, ainda no tempo da borracha que eles vieram trabalhar aqui. Que aqui era um dos portos de seringa antigamente, Então é inclusive o meu pai foi um dos seringueiros também que veio que veio junto compor essa comunidade. Então trouxeram muita coisa. Principalmente sobre essa questão de lendas, tem muitos inclusive que são contadas lá que aqui repassadas aqui também. Então isso é mais ou menos por aí.

Assim, as práticas culturais que permeiam a identidade de Nazaré como a Dança do Seringandô, estão ligados à figura de Seu Manoel. Essa grande contribuição é colocada junto a história pessoal de Seu Manoel, contado como uma verdadeira saga de sua vida até sua morte, como conclui a música a seguir.

Mas um dia de surpresa uma enfermidade apareceu/Ele lutou contra a doença, mas dela faleceu
Hoje repousa entre as matas no lago do Peixe-Boi/No dia de sua despedida até o barranco chorou
Em seguida veio a chuva e sua alma lavou/Saga beiradeira, saga beiradeira, saga beiradeira

Se coloca nessa parte da música a profunda relação com a terra e com a natureza, dando afetos e símbolos que são humanos para demonstrar a afetação com a perda de Seu Manoel, leia-se o barranco chorando. Em adição a figura da chuva como parte do processo de luto, ao lavar a alma.

Sobre a Dança do Seringandô citada anteriormente, com música de mesmo nome feita pelo grupo, foi transmitida e ensinada na comunidade por Seu Manoel. A música, contida no álbum do

grupo, aponta para o local onde a dança se fundou, nas festas no Lago Guapiara, localidade de nascimento e criação de Seu Manoel, no Estado do Amazonas.

A dança teria se iniciando com o processo de colonização portuguesa em contato com as comunidades indígenas em especial, os Parintintins, aqui caracterizada como uma “tribo guerreira” em que viviam de pesca como meio para alimentação. Uma segunda comunidade indígena surge na fala inicial feita pelo próprio Seu Manoel, as dos Pirahãs que é descrita como “tribo inimiga” dos Parintintins. Elas guerreavam entre si, dando a vitória a uma das comunidades, se fazia uma festa em comemoração. Essa festa permeada por música envolvendo ambas as comunidades com a dança do seringandô possuía um ritmo com origens afroíndigenas.

Essa dança tinha como dois personagens importantes, uma figura da comunidade vencedora que era escolhida usualmente uma figura feminina que representa uma vaqueira, a outra da comunidade perdedora em geral uma figura masculina que representava um boi. Nessa dança entre vaqueira e boi em que se tentava dominar o boi, se cantavam versos orientados por um membro mais velho da comunidade. O refrão que cantava era “arrimba seringandô” que tem como função chamar para dançar e festejar os participantes da dança.

Essa é a descrição feita por Seu Manoel da maneira tradicional posta pelas comunidades indígenas. Embora conservando esse processo original, houve mudanças quando segundo Seu Manoel, passou a ser diversão do “povo civilizado”. Instrumentos como o pandeiro foram adicionados e se colou a festa dentro de uma dimensão religiosa com a festa do Divino Sebastião e do Divino Espírito Santo, essas festas do lago do Guarapiara que foram feitas pelos colonos portugueses. Observa-se, portanto, a confluência de elementos culturais indígenas e europeus.

Com a migração de Seu Manoel para Nazaré junto com outras famílias fez com a dança se disseminasse na comunidade de Nazaré ainda em processo de ocupação com versos que falam sobre espaços, ações, mitos e pessoas do cotidiano.

Na cacimba da minha aldeia/Tem um pé juquiri
Onde fica escondido/Um botinho tucuxi

Nessa primeira parte da música, figuras como o boto tucuxi já explanadas neste trabalho aparecem, junto com a juquiri um espécie de arbusto, um somatório de plantas que pode chegar até quatro metros de altura funcionando como abrigo para o boto. Seguido da estrofe que irá se repetir entre as novas estrofes com outras descrições.

Arrimba seringando/Cajueiro Cajua
Arrimba seringando/Queremos Saiáia

Essa estrofe, que é na realidade o refrão da cantiga, não tem uma exata explicação para a sua primeira frase arrimba seringandô, sendo uma continuidade do que era a experiência original advinda das comunidades indígenas. Em seguida, a segunda frase tem como significado os dois personagens principais: o cajueiro significa o menino boi e cajua que significa a menina vaqueira que brincam entre si. Repetindo a frase refrão, acompanhada da frase quereremos saiaíá. Assim segue:

O boto é muito enxerido/Mas tem um bom coração/Só fica escondido
Por causa da Cuniã/No balde tem gimgimbirra
Na trempe tem assando o bacu/No igarapé tem cabana
Do índio suburucu
No capaná tem os mura/Os turas lá no acará
No jacunda tem fartura/Pra gente se admirar

Nesses versos se apresenta o boto, acompanhado por uma experiência do cotidiano ribeirinho com o uso de gimbimbirra, o que é uma espécie de tempero que dá um gosto determinado ao peixe. A trempe é o suporte para que o peixe asse deixando a distância do fogo.

No final da estrofe vemos que a indicação de um indígena, o índio Suburucu, em seguida, coloca os Mura e os Turas comunidades indígenas. Nesse ponto somente a dados sobre localização, cultura, práticas e cotidiano dos muras, enquanto os turas não possuem informações acessíveis a não ser a localidade na própria música que é o Acará, município do estado do Pará. Questionando os membros do grupo sobre mais informações possíveis, boa parte das perguntas ficaram em aberto visto que as estrofes dessa música foram construídas por Seu Manoel e pouco teve registro sobre tais detalhes.

Na parte a frente se apresenta alguns dos alimentos comuns a comunidade, primeiro a carne de anta como iguaria assada, a nomenclatura mucuim possui um duplo sentido, na música é posto como um local na comunidade já em seu sentido mais geral é a nomeação de um parasita que pode picar seres humanos. Na segunda frase se apresenta o patuá um fruto que segundo os interlocutores faz parte da família e se assemelha ao açaí.

No mucuim tem a anta assando/Na cuiá tem patuá
O seringandô na festa/Pra gente rolar e dançar

Assim se conclui as estrofes da Dança do Seringandô, restando falar mais um vez o refrão: Arrimba seringandô/Cajueiro Cajua/Arrimba seringando/Quereremos Saiaíá. Muitas dessas nomenclaturas e expressões no processo de investigação foram difíceis para entender o sentido posto, até mesmo para alguns membros do grupo porque não sabiam determinar exatamente alguns termos tendo que recorrer a outros membros e até moradores mais antigos da comunidade de Nazaré. Esta pontuação é importante como um indicativo das transformações das formas de expressão, algumas

perdidas outras no processo de extinção. Mais um vez a produção dos álbuns significou a possibilidade de externar tais saberes e expressões, mas faltando algo para a continuidade, a socialização não só das palavras, mas de seus significados.

A faixa “Tabuleiro” apresenta outro espaço na comunidade que também serve como espaços de lazer. Agora do ponto de vista adulto, fala a letra:

Vou nas águas de um lago tão lindo/Um encanto que só quem foi lá lembra
Peixe boi que envolve um sorriso/Do caboclo a cabocla faceira a mostrar
Vou nas águas de um lago tão lindo/Um encanto que só quem foi lá lembra
Peixe boi que envolve um sorriso/Do caboclo a cabocla faceira
De um jeito tão bom de falar dançar curtir passear/Deitar e poder descansar
Jeitão berradeiro de curtir e voltar/Vou lá
Vou lá no tabuleiro no lado de lá/Vou lá
Vou lá no tabuleiro pra gente banhar/Tabuleiro água boa pra gente banhar

Aqui dois elementos importantes se apresentam, primeiro a confirmação dos rios como um espaço de lazer tanto para crianças como adultos da comunidade, neste caso como o banho no tabuleiro. Segundo o uso do termo caboclo e cabocla como identificação dos membros da comunidade, sendo entre as canções dos três álbuns a primeira citação como tal seguido da denominação do “jeitão beradeiro”, abrindo questões como a duplicidade de identidades ou complementaridade de ambas citadas.

Em “Felizes Assim” o grupo Minhas Raízes coloca a importância da memória e transmissão desses valores e práticas culturais. Passando pelos símbolos míticos, e os que possuíam e transmitiam tais saberes. Diz a letra:

Bem lá no meio do rio/Com remo levando/Sempre a esperança
E sua força tá na herança/Na dança do seringandô
Do boi curumim/Na velha guarda minhas raízes
E os antigos sempre vivos na memória/Em nosso peito uma amor
Que não se acaba/Nossa cultura nosso povo nossa história/Felizes Assim

Citando o grupo Velha Guarda que tinha seu Manoel e outros membros da comunidade. Com a alcunha de “os antigos”, a música afirma que continuaram vivos na memória coletiva da comunidade. Essa memória antes passada por meios orais, agora na produção dos álbuns ganham outra vitalidade, acessíveis a qualquer um que tenha acesso aos players online e offline de música digital.

A música “Anauá” faz homenagem a um contador de histórias por vezes conhecidos por serem mentirosos, inventores. Por um período inicial no grupo Minhas Raízes, Seu Anauá possuía um momento para contar suas histórias durante os shows. Essa letra demonstra um outro portador dos conhecimentos colocados como tradicionais, para além do já citado nominalmente Seu Manoel. Diz a letra.

Quem gosta de contar história, em Nazaré/É o Anauá
Se você quer saber história, e/como é/Ele vai contar
O Anauá gosta muito de escrever/Contar história pra todo mundo ler
Se você quiser saber como é/O Anauá te espera em Nazaré

As músicas aqui descritas mantêm-se como uma forma de expressão cultural que se furta de da relação mediada pela mercadoria e até mesmo pela lógica da indústria cultural, levando em conta seu próprio fundamento nas bases das comunidades indígenas e mesmo após sua transposição ao modo de “vida civilizado” como colocado por Seu Manoel, se atrelou a prática em meio a um modo de vida outro que dá sociabilidade industrial, a da comunidade de Nazaré, adicionando o pandeiro tal qual disse Seu Manoel. Instrumento esse associado a expressões musicais periféricas e de populações negras.

Sobre o mito fundador da comunidade posto na música Saga Beiradeira., se fala sobre a cultura que Seu Manoel trouxe junto com outras famílias. A reflexão a seguir, se baseia no texto *Etnicidade: Cultura residual, mas irreduzível* de Manuela Carneiro Cunha (2009) em que faz estudos sobre migrações, assim a música Saga Beiradeira coloca em evidência um processo de colonização do espaço da comunidade de Nazaré, apresenta então um arrumar as malas não somente as físicas, mas as malas simbólica escolhendo quais seriam os mitos, lendas, memórias e práticas culturais que seriam levados para outro lugar. Mas essa mudança significa mudança efetiva, para Cunha (2009), não se pode levar toda a bagagem cultural para a diáspora. O que se leva é o pouco que se pode caber em uma pequena mala. O que são chamados como sinais diacríticos, que determinam a distinção, a diferenciação do “eu” para com o “outro” ou seja do que será visto como cultura própria ou não.

Podemos ver que a música anteriormente analisada é um desses elementos que foram levados na “mala” cultural e que se passou para Seu Manoel e dele para os seus filhos e netos, neste caso, os integrantes do grupo *Minhas Raízes*. Se torna mais interessante quando se sabe que Seu Manoel adotava a identidade Parintintin como sua, segundo um dos entrevistados na pesquisa, sabendo a linguagem e a cultura de seu povo, levou o que havia de mais necessário para se manter. Assim, ao fazer a dança do Seringandô, ao cantar os mitos, lendas e memórias se retorna a uma prática anterior do grupo étnico cultural ao qual pertence, que significa colocar o mito em seu cotidiano. O mito, lenda e crença só perduram enquanto socializado, enquanto vivido por seus fiéis.

Sobre identidade é necessário comentar as figuras da comunidade como Seu Manoel, Seu Anauá colocados nas canções. Eles são os portadores das formas de saber, histórias, práticas culturais e simbólicas que pertencem a comunidade. A ausência de um desses portadores como Seu Manoel,

com seu falecimento, se constitui em uma perda de certos conhecimentos, tornando-se difícil, mesmo para os mais velhos do grupo, reconhecerem certos termos da tradição de Nazaré. Seu Anauá é apresentado de maneira periférica nas representações das músicas, entretanto os indícios sobre ambos, os reafirmam como continuadores das representações na comunidade. Se coloca assim que o próprio uso dos álbuns é de grande valor como cristizador de conhecimentos que eram em geral somente de transmissão oral, a dança do seringandô é um belo exemplo. Vale a atenção para quais serão os sinais diacríticos (CUNHA, 2009) que permanecerão e mudarão nas próximas gerações e produções musicais.

MEIO AMBIENTE NAS CANÇÕES DO GRUPO

As composições do grupo estão intrinsecamente ligadas ao meio ambiente, assim muitas figuras e representações da natureza podem ser encontradas. Analiso agora tais representações.

A primeira música é “Não deixe Secar o Coração”, esta canção tem como cerne um alerta aos perigos que rondam as riquezas da Amazônia. Demonstrando por meio da ligação e dos afetos construídos para com a terra que o personagem, neste caso a comunidade ribeirinha, possui. Diz a letra:

Como é bom sentir na pele o vento que traz/O cheiro da minha terra peixes matagais
É tanta coisa bonita portos seringais/Grandes e pequenos povos
Mostram muito mais/Quem tem amor na sua terra
E tudo que há nela

Seguido pela segunda parte, que convoca para a preservação da natureza na Amazônia, atrelando os bens naturais como a casa do personagem ao falar não deixe secar nossos rios, nosso chão. O que se coloca aqui é um profundo desejo por reconhecimento dentro de uma lógica em que tal reconhecer se transforme em consciência com potência de ação efetiva, neste caso manter a diversidade da natureza. Diz a letra:

Ajuda a proteger nossos irmãos/Não deixe secar o coração
Não deixe secas nossos rios, nosso chão/Não siga sem antes me ver
A nossa Amazônia venha proteger

Em outra faixa musical, “Amo a Amazônia” o tom da música se agrava em melancolia, o desejo que a destruição da Amazônia cesse:

Chegará um dia talvez/Em que eu vou me alegrar
A Amazônia verde feliz/Sem ter mais por que chorar

Essa melancolia e o desejo de transformação torna-se uma crítica à poluição da Amazônia em especial, Nazaré. Posicionamento crítico que aponta que a destruição do meio ambiente:

Tempo que tirar as queimadas/Cinzas no céu, lixos nos rios nas matas, vidro, papel
Serão lendas constantes e frases no ar/Limpando nossa mente, para cantar

Se melhor analisado tais objetos colados como vidro, papel ou as queimadas estão localizadas por ações que ultrapassam a mera individualidade. Visto no momento da própria produção de tais materiais, já inseridos na lógica da produção enquanto mercadoria, mas para além disso logo após perder sua qualidade como mercadoria é descartada como um “lixo”, colocado na própria letra.

A música “O Rio que era Doce” traz a representação de um rio em processo de morte, tem como perspectiva uma incerteza com o futuro que resta a quem vive tal modo de vida tão próximo à natureza. Como constata-se na letra:

Mesmo de longe eu vim/Eu sei o que eu senti/Compartilhei o olhar/É triste imaginar
Do que será de nós/O que virá depois/Não sei o que pensar/Mas não posso esperar
Eu tenho que expressar/Cantando essa canção/A dor no peito
O nó na garganta/Dizem não aceitar/Não se calar

A última parte da música descreve a tristeza em relação à destruição do meio ambiente, e com isso a preocupação, a amargura e impotência em relação a um futuro de ruína da natureza que trará impactos na vida social dos moradores da região. Entretanto, no final afirma-se um chamamento para não aceitar essa realidade degradante e ofende a necessidade de reagir e de não se calar diante da catástrofe iminente.

O trecho da letra a seguir reafirma essa intenção, e agora conclama todos os moradores de Nazaré a reagir diante da destruição:

O rio que era doce e se amargou/O céu do nosso povo se fechou/Mas nós não podemos desistir/Não tão fácil
Precisamos gritar alto/A natureza também é nossa/Deixe ela nos cuidar/Deixe ela nos abraçar

A reflexão mais melancólica e distópica se finaliza com a faixa “Sou da Beira”. Nessa música, natureza e humanidade se colocam unidas com uma reafirmação da identidade ribeirinha, como “filhos da beira” e descrevendo as possíveis tragédias que levariam ao fim tal modo de vida:

O sapo na mata se põe a cantar/Avisa o canário que foge do lar
É fogo, é queimada, um pranto de dor/Do gato do mato e da flor que secou/Os peixes pulando na beira do rio/Surgiu
o desespero: a represa se abriu/Sou da beira eu sou, sou filho sou/Da mata, do lago, do rio que secou

Aqui se apresenta figuras que indicam a agência humana no meio dessas ações catastróficas, as queimadas junto com a represa que coloca os resultados de quanto se manipula a natureza os recursos naturais de maneira predatória. Aqui dentre as músicas analisadas nesse eixo é a que possui uma sonoridade que mitifica a natureza ao apresentar em sua grandiosidade e na mesma medida o tamanho do perigo por vir.

Em “A canção”, há uma constatação triste, ao acompanhar o homem como figura genérica de humanidade que não teve sensibilidade de sentir e compreender a natureza a qual ele também faz parte.

A canção desse rio/Ela é para navegar todo o mal que ele sentiu
E essa dor se seguir/Segui o homem sem nadar sem sonhar/Sem sair sem nadar/Segui sem existir
E o que sustenta a vida traz cantigas/Trazendo alegria ribeirinha do povo que canta nesse chão
Matas que vivem da cheia que trazem fartura e tantas riquezas/Bichos, plantas que brotam na mesa do homem e o pão
O importante é lembrar que ela tem o seu valor/E aprender a preservar o que deus criou
Natural é respeitar, também parte dela sou/Consciência mesmo é cultivar o amor

Nesta parte final da música duas coisas se destacam, primeiro a figura da cosmologia cristã, Deus como criador da natureza, o que deu tais riquezas. Em segundo um desejo pela conscientização e respeito a natureza tratando como parte de si, não como algo cindido uma diferenciação entre homem e natureza

Em “Do Lado de Lá” temos uma ode à natureza presente no modo de vida ribeirinho, das ações e figuras de seu cotidiano, mas que agora, em virtude da destruição ambiental, registra-se a melancolia, um tempo feliz que não existe mais. As águas que corriam na alma e no corpo e nutria o indivíduo não existem mais.

Acabo de sentir aquele vazio/E aquelas águas que corriam livres em mim
Não sei se foram expulsas ou se esconderam/Mas bela enquanto estavam aqui
Do lado de lá eu vi gente com brilho nos olhos sorrindo/Que beleza
Essas águas que escorriam em mim/Trazendo linda história que eu desejo nunca ter fim
Do lado de lá eu vi gente feliz com brilho nos olhos/Sorrindo a pescar
Do lado de lá a cheia era linda e a seca mais ainda e vinha a cachoeira/A pedra era prata em frente a lua cheia
Faz chiar lá na beira/Virar a noite inteira/Descendo a correnteza/Olha só que beleza

Essa visão idílica sobre o que se vê do lado de lá se repete em cada verso, entretanto a própria letra coloca contrapontos de um visão mais pessimista e saudosista, tais como:

Acabo de sentir aquele vazio/E aquelas águas que corriam livres em mim
Não sei se foram expulsas ou se esconderam/Essas águas que escorriam em mim
Trazendo linda história que eu desejo nunca ter fim/Do lado de lá eu vi gente feliz com brilho nos olhos
Sorrindo a pescar/Do lado de lá a cheia era linda e a seca mais ainda e vinha a cachoeira

Tais fragmentos apontam que quem olha para o lado de cá está localizado temporalmente no presente com tensões e contradições para a continuidade da vida ribeirinha, e os que estão do lado de lá são em realidade memórias do passado.

Nas canções aqui presentes a natureza é colocada em um espaço temporal distante do que o presente visto como um momento idílico que se perdeu. Se apresenta em todas as músicas um alerta com a ação humana sobre a natureza utilizando da noção predatória comum a leituras que olham aos recursos naturais como infinitos e tão somente como meios para um ideal de processo civilizacional que cinde o homem como ser natural. As músicas apresentadas não fazem a função de uma conciliação com o mundo existente ou servem como entretenimento, se vê que há um tensionamento com as contradições da vida ribeirinha entre o mundo que está sendo transformado, servem assim como protesto, denúncia e melancolia. Não são músicas que tem como função entreter no sentido

posto por Adorno (1985), como uma mistificação ou atenuação dos problemas contidos na realidade, reafirmando o caráter crítico posto por Adorno (2008) em que as cristalizações colocadas estão vistas por questionamento tais como visto na música.

Ne eixo que se buscou representações sobre meio ambiente, o álbum *Além dos Cantos* (2017) tem mais elementos de representação da natureza/meio ambiente se comparado aos outros álbuns, abarca uma visão pessimista em que o modo de vida parece se perder junto ao modo como o ambiente é destruído com as ações humanas. Tal olhar neste álbum pode ser visto como um indicador cultural ainda que tímido das mudanças do mundo ribeirinho. Embora não citado o garimpo pode ser uma das formas que trazem essas mudanças visto que o ano de produção é de 2017 e quando questionados em entrevista os membros do grupo colocaram essa nova perspectivas de trabalho no garimpo. As canções assim apresentam um modo de se relacionar com o meio ambiente com a natureza que quebra a lógica da sociedade de mercado, em que o valor de troca é maior que o valor de uso dos produtos da vida material. Em certa medida é um alerta que avisa a necessidade de mudança de vida para além da forma de vida do capital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou as representações sobre identidade e meio ambiente nas canções do grupo *Minha Raízes*, suas canções são no geral simples e com mensagens claras, demonstrando elementos da vida cotidiana ribeirinha. As canções do grupo apresentam figuras importantes, como “os antigos” que são os portadores da memória da comunidade dando as bases para as suas dimensões de identidade, esses “antigos” apresentam assim esse sinais diacríticos que determinam a identidade ribeirinha assim como a identidade da comunidade em contraposição a outras comunidades, não sendo uma forma homogênea. As canções apresentam representações do meio ambiente em que apresentam alertas sobre processos de destruição ambiental, com as novas formas do ser humano agir sobre a natureza como meio de acumulação de riqueza, nessas canções se encontram assim alerta, protesto e melancolia a pelas transformações na natureza. Por fim, o uso de novas tecnologias para captura das memórias e identidades do grupo, como o uso cds, se apresenta como um aspecto importante para a manutenção de seus sinais diacríticos.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. **Introdução a Sociologia da Música**: doze preleções teóricas. São Paulo; Editora Unesp, 2017.

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985.

BAUER, Martin W; GASKELL, George. Análise de Ruído e Música Como Dados Sociais. In _____. (Orgs). **Pesquisa Qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: RJ, Vozes, 2007.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. 2. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: UNESP, 2000.

CUNHA, Maria Manuela Ligeti Carneiro da. **Cultura com aspas: e outros ensaios**. [S.l: s.n.], 2009

NORBERTO, SIMONE. **MITO E IDENTIDADE EM NAZARÉ/RO** Uma leitura pós-colonial das manifestações culturais de uma comunidade ribeirinha Porto. 2012. 211 f. Universidade Federal de Rondônia, 2012. Available at:http://www.mestradoemletras.unir.br/uploads/91240077/Dissertacoes_defendidas/Turma2010/13.SimoneNorbertoMitoeIdentidadeemNazare-RO.pdf.

SARAIVA, Adriano Lopes. **Festejos e religiosidade Popular: O festejar em comunidades ribeirinhas de Porto Velho/Ro**. 2007. 132 f. Fundação Universidade Federal de Rondônia, 2007. Available at: https://www.ri.unir.br/jspui/bitstream/123456789/728/1/AdrianoL.Saraiva_Festejosereleiosidadepopular.pdf.

SOUZA, Natiele Pessoa de. **“Minhas Raízes” Minhas Memórias: Um Patrimônio Cultural Além Das Águas Do Rio Madeira**, 2016. 138 f. Fundação Universidade Federal de Rondônia, 2016. Available at: https://arqueologia.unir.br/uploads/03144268/arquivos/SOUZA_1364490249.pdf

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA: Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo

FINANCIAMENTO: Esta pesquisa não recebeu nenhuma subvenção específica de qualquer agência de financiamento dos setores público, privado ou sem fins lucrativos.

CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS: O autor foi responsável pela pesquisa integralmente, em sua coleta de dados, pesquisa bibliográfica, metodologia e escrita do texto.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE: O autor declara não haver conflitos de interesse.

MINIBIOGRAFIAS DOS/DAS AUTORAS DO PAPER: Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Rondônia e mestrando pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.